

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO: — O Orgão — Arthur da Fonseca — Notas vagas — Concertos — Noticiario — Necrologia — Expediente.

## O ORGÃO

(Continuação)

O teclado manual d'um orgão responde á pressão dos dedos com facilidade quasi igual á do mecanismo de um piano; mas, se a dedilhação é semelhante, o emprego da substituição de dedos tem de ser muito mais frequente. As prolongações, as pedaes e toda a classe de notas tenutas exigem da parte do executante uma rigorosa tradução dos valores indicados e um grande cuidado para que o duração de cada uma das notas seja integralmente observada.

E' certo que a maneira de produzir o som differe essencialmente da maneira de ataque que se tem de empregar no piano, pois se n'este tem o executante que preoccupar-se com as variadissimas formas como o martello ha-de actuar sobre a corda, no orgão quasi que só póde variar os efeitos expressivos com os diversos timbres que a propria indole do instrumento lhe offerece.

O *toucher*, o tacto do pianista, tem uma influencia directa sobre as cordas, postas em vibração pela acção viva ou lenta, branda ou energica como são lançados os martellos; é por esse facto que a sonoridade do piano é mais malleavel, por assim dizer mais pessoal que a do orgão.

Mas, em compensação, que riqueza de efeitos, que infinita variedade de combinações sonoras!

Verdade é que para commandar esse brilhante exercito de sons se precisa um artista de alto valor, que possa unir a uma rica imaginação, o mais profundo saber e é mister principalmente que possua, como qualidade *sine qua non*, o verdadeiro estylo do orgão, esse estylo claro, nobre e simples, que sem excluir a fantasia e o arrojo, n'uma

dada medida, não possa cahir nunca em condemnaves excentricidades.

Da pleiade numerosa dos mais celebres organistas dos ultimos tempos e da actualidade, destacaremos alguns nomes, com que fechamos a primeira parte d'este já longo artigo. São elles: Adolpho Hesse, João Schneider, David Engel, W. Best, Carlos Thiele, Gustavo Merkel, Miguel Eslava, W. Volckmar, Carlos Haupt, Cesar Franck, Lefebure-Wely, Lemmens, Delaborde, Fissot, Dubois, Saint-Saëns, Guilmant, Widor, Gigout, de Lerma etc.

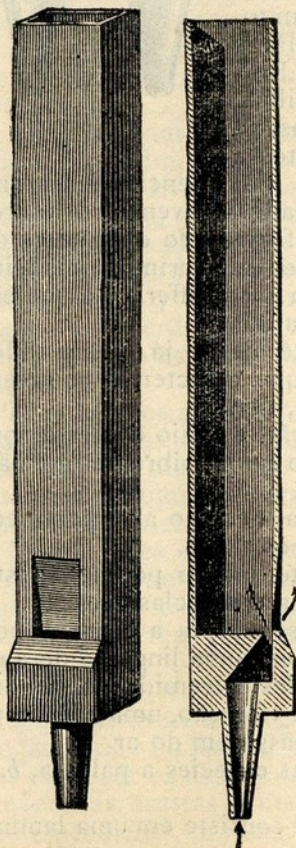
De alguns d'estes artistas cujo nome está tão estreitamente ligado á historia do orgão, já a nossa revista se tem occupado em artigos especiaes.

\*

O que ha de mais interessante a estudar na construção do orgão é os tubos e a forma como n'elles é gerado o som.

Dividem-se os tubos em duas grandes cathogorias, de *palhetas* e de *embocadura de flauta*, c nfo - me a maneira como o som é produzido n'elles.

A divisão que alguns auctores fazem em tubos de madeira e tubos de metal é apenas pueril, porquanto a materia de que sejam fabricados os tubos não tem a menor influencia



no movimento vibratorio e não serve senão para determinar a forma e as dimensões da columna d'ar que se pretende pôr em vibração. Importa assim destruir o grosseiro prejuizo em que frequentemente vemos cahir os proprios artistas e alguns de valor, que suppoem que uma flauta quando é feita de metal perde as qualidades sonoras que lhe são proprias, que uma trompa ou um cornetim não podem ser feitos senão de cobre, etc.

São erros que se destroem com a mais simple analyse, com a experiencia a mais vulgar, mas que, apesar de tudo, um rotineiro preconceito faz ainda persistir no espirito de muitos.

E não julgemos que é só em Portugal, onde infelizmente a sciencia dos sons não está tão difundida entre os que professam a musica como seria para desejar, que taes prejuizos conseguem tomar corpo. Em Paris Adolpho Sax e em Bruxellas Victor Mahillon, dois afamados constructores d'instrumentos e distinctos homens de sciencia buscaram, cada um por seu lado, convencer os incredulos, o primeiro fabricando clarinettes de cobre e o segundo um clarim de madeira cuja sonoridade em nada differia do que estamos habituados a ouvir.

Fixemos portanto desde já que a differença de timbres que caracteriza os diversos tubos do orgão, deriva :

1.º — Da proporção e feitio d'elles e portanto da forma do corpo vibrante que não é outro senão o ar.

2.º — Da maneira como o ar é posto em vibração nos mesmos tubos.

E' debaixo d'este ultimo ponto de vista que estabelecemos a nossa classificação.

A *palheta*, que se adapta a certos tubos do orgão consiste em uma lingueta de metal, fixa por uma das extremidades, de forma a produzir, pela vibração, uma constante intermittencia na passagem do ar.

Póde ser de duas especies a palheta, *batente* ou *livre*.

A *palheta batente* consiste em uma lamina

applicada aos bordos do orificio por onde penetra o ar no tubo sonoro ; uma corrente de ar faz vibrar a lamina que ora fecha a communicação interrompendo a passagem d'aquelle gaz, ora se desvia pela propria elasticidade, deixando aberta uma fenda por onde elle se esgota. Produz-se então uma serie de condensações e dilatações de que resulta o phenomeno do som.

A *palheta livre* é de indole differente ; consiste em uma lingueta metálica, bastante elastica, applicada sobre um caixilho, de forma a que possa *livremente* vibrar sem tocar nos bordos do mesmo. E' a que se emprega no *harmonium* e instrumentos similares.

A cada palheta se adapta uma vareta, a que se chama *afinador*, e que permite alongar ou encurtar a dimensão da parte vibrante.

Nos tubos de *embocadura de flauta* passam se as cousas diversamente ; aqui um jacto d'ar lançado com força n'um tubo sonoro encontra um obstaculo e divide se em duas porções, das quaes só uma penetra no tubo, engendrando o som.

Se não fosse o obstaculo, o jacto ou corrente geratriz seria rectilinea e o phenomeno sonoro não se produziria, emquanto que a resistencia opposta pelo referido obstaculo imprime á corrente uma forma sinuosa e d'esta nasce a intermittencia que se requer para a produção do som.

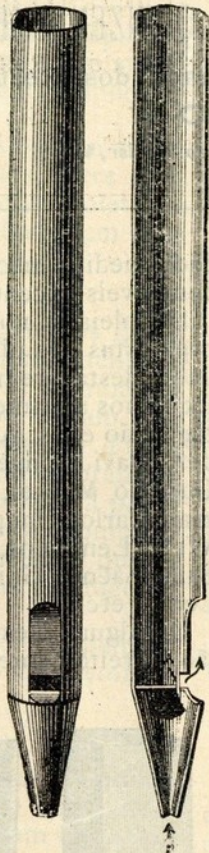
Nas gravuras annexas se vê o aspecto exterior e interior de dois tubos do orgão, um de madeira, com a forma rectangular, outro de metal, com a forma cylindrica e ambos com *embocadura de flauta*.

Para se comprehender a disposição interior, figurou se um corte longitudinal dos tubos, indicando as pequenas flechas a direcção de um jacto d'ar, quando fortemente insufflado nos mesmos. Uma das paredes do tubo apresenta uma sollução de continuidade, por onde se escapa para o exterior uma parte da corrente geratriz ; o bordo superior d'essa fenda, talhado em biés, é que constitue o obstaculo que dá á corrente a sinuosidade precisa para se obter a vibração da columna d'ar contida no tubo.

Para se fazer um *jogo* completo de tubos de orgão, toma-se qualquer dos typos que apresentamos e reproduz-se em diversas dimensões de forma a constituir a escala chromatica que ha de corresponder a cada uma das teclas do instrumento não esquecendo que de cada um dos typos se póde fazer uma infinita variedade de *jogos*, segundo a forma que tem o tubo e portanto a columna d'ar que elle contem.

(Continúa.)

LAMBERTINI.



## GALERIA DOS NOSSOS

## ARTHUR DA FONSECA



SE houvesse ainda alguém que não conhecesse bem este amador-artista, ficariam os seus créditos sobejantemente firmados na brilhante colaboração que elle soube levar ao ultimo concerto de Musica de Carnara e na espontaneidade do applauso com que o seu talento primacial foi acolhido.

O oboé! Extraordinario instrumento esse! Com o seu timbre ingenuo, infantil, quasi rustico, dá a nota emotiva de certas situações musicas, como nenhum outro o poderia fazer. Gretry disse até nos seus Ensaios sobre a Musica, referindo-se ao character d'este interessante instrumento: «O oboé faz brilhar um raio de esperança no meio dos tormentos».

O peor é que, mal se avista o tal raio, começa pelo contrario o tormento para o pobre tocador. E a lucta com a desigualdade do instrumento, com a difficuldade da emissão em certas notas, com a pouca variedade do timbre e... com a palheta.

Com a palheta, sim, com esse mostrengo de canna, que povoa os pesadellos de todos os oboistas e que até persegue o proprio Fonseca nas noutes de mau somno.

Mas para dar, em dois rapidos traços, o perfil de tão interessante individualidade, sempre lhes quero dizer que é um character de eleição, uma intelligencia lucida e cuidadosamente cultivada e um companheiro como poucos tenho tido nas minhas lides de melomano.

E posso ainda garantir-lhes que se algumas vezes doem as alfinetadas da sua cantante verve, vão tão directas aos ineptos e aos presumptuosos, e com tal aprumo de pontaria, que não vale a pena censurar-lhas.

SCHAUENARD.

## NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

De Lisboa.

XII

Decididamente não lhe falarei do tempo. Receio ser de novo desaforadamente desmentido pela triste realidade, e já que a Primavera se deixou sem protesto enxertar pelo inverno, a ponto de não sabermos, os que aqui vivemos, se ainda estamos em Janeiro ou se já entramos em Abril, segundo reza a folhinha, não pensemos mais em tal...

A' hora por exemplo em que estas linhas lhe escrevo, uma luz risonha e calma illumina o espaço, mas ninguem me assegura que ainda antes de chegar ao derradeiro periodo a ventania não venha desabrida e fustigante recordar-me quão frageis são em verdade os conceitos humanos e como bem pouco valem as palavras que mais ou menos procuram traduzil-os e intentam explical-os...

Ora pois; tratemos de outras coisas, querida amiga, sobretudo n'esta santa semana de Deus em que até nós outros, peccadores relapsos e remissos, endurecidos no peccado e atascados na perdição, vagamente aspiramos uns suaves effluvios de piedade e de ternura...

Alguem chamou já á musica a religião dos que a não têm, e se n'essa paisagem transcendental e divina passam com effeito, de onde em onde, pedaços de céu, e trechos de infinito, nenhuma forma mais impressiva e mais bella para ao menos n'estes dias nos dar a todos a comprehensão da grandeza eterna e da verdade suprema do que a forma privilegiada e estranha da melodia e da harmonia...

Abençoemos portanto aquelles e aquellas que ás nossas almas trazem esse balsamo precioso e ethereo que ao mesmo passo guarece e dulcifica, consola e dessedenta, anima e fortalece.

Vozes doces de mulheres, cantos frescos de creanças, notas dolentes e sonoras sahidas do fundo triste da paixão humana, pela minha parte eu vos beindigo e vos agradeço...

Então aqui, n'esta quadra desoladora e negra que atravessamos, com tantas sombras no presente e no futuro, fazer-nos por instantes esquecer os aspectos duros das coisas e amaciar as arestas brutaes dos factos, é simultaneamente praticar uma boa acção e formular um nobre protesto, que nem por

vir edulcorado em embaladores e meliodiosos rhythmos deixará de produzir a sua influencia educativa e forte...

Porque decerto não ignora, minha senhora, que a despeito do que se propale contra os effeitos enervantes da musica, a verdade é que ella póde ser um salutar elemento de vitalidade e de energia e forçando-nos ao recolhimento religioso do espirito, levar-nos ao despertar suggestivo da vontade...

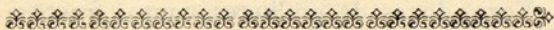
Tambem se operam revoluções, cantando, e até me quer parecer que o prestigio de certas palavras meramente lhes advem da musica que lá dentro encerram...

O que é mesmo uma grande idéa ou uma ideal façanha senão a concretisação maior ou menor de algumas melodias intimas por meio das quaes uma faisca de Deus refulge aos nossos olhos, e resoa aos nossos ouvidos? Geradas em cerebros eleitos ou produzidas por privilegiadas mãos, uma e outra, desde que contribuíram para o esplendor do mundo e para a melhoria do homem são uma sublime, uma divina musica que ao menos nos fará preadivinhar as consonancias do céu por entre as miserias da terra...

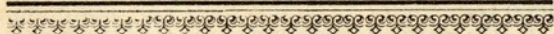
Dizia o grande Spinoza que a beatitude não é a recompensa da virtude, mas a virtude em si propria; ora essa linguagem mysteriosa e alada que no dizer de Diderot começa onde a palavra acaba, mais do que qualquer outra nos leva ao estado a que Spinoza alludia pelo que cultivando-a nós proprios, ou apreciando devidamente aquelles que as cultivam e trazendo-lhes com a homenagem das nossas palmas, a sinceridade da nossa dedicacão, talvez ainda por cima viessemos a attingir esse estado de perfeição psychica, sem o qual nada é formoso e grande, além de que, sempre de caminho esmaltariamos a vida com um subtil e sem equal prazer...

Até porventura aprenderiamos a ser justos, e todo o homem justo é livre, conforme já o asseverava Philon, o judeu, que talvez nas harmonias do seu coração encontrasse o segredo d'esse meliodioso e substancial conceito...

AFFONSO VARGAS.



## CONCERTOS



Optimo o concerto extraordinario que a Real Academia deu na sala Portugal em 30 do mez passado.

Bom programma e perfeito desempenho. *Oberon*, *Cleopatra*, e a *Phantasia hespanhola*

de Gevaerts, assim como a *Folha de Album* de Wagner, a *Primavera* de Grieg, o *Mi-nuete* de Bolzoni e a *Sardana* de Breton, tiveram uma execução condigna, sinceramente merecedora de todo o elogio.

Nenhum trecho novo, mas repetições aperfeiçoadas demonstrando a utilidade do exercicio e a necessidade de da sua continuacão.

Cantaram a solo Andrés Perelló, De Luca e Cesira Ferrani, os distinctos artistas cujas qualidades a *Arte Musical* teve occasião de apreciar nas suas chronicas de S. Carlos.

E quanto n'elles é esmerada a educação artistica, reconheceu-se agora na boa escolha da musica que apresentaram: Ferrani cantou uma aria de Pergolese e um *lied* de Brahms; De Luca fez ouvir a romança do *Hamlet*, e fóra do programma a serenata do *D. João*; Perelló um *lied* de Brahms, uma melodia de Émile Durand e outra de Grehg; Ferrani e de Luca concluíram com o delicioso duetto do immortal *D. João*.

Seria injustiça não mencionar os acompanhamentos ao piano feitos com discreta maestria por Lydia Ferrani, irmã da cantora Cesira.

Sua Magestade o sr. D. Carlos e o sr. infante D. Affonso assistiram a este concerto, applaudindo com satisfacão os executantes e retirando-se unicamente depois de ter a orchestra dado os ultimos accordes.

Não é duvidoso ter sido este um dos melhores concertos da Real Academia e ter deixado as mais gratas impressões. As pessoas que a elle assistiram sem serem membros d'essa benemerita sociedade, tiveram occasião de apreciar quanto ella vale e quanto é necessaria a sua existencia.

Foi brilhantissima a festa que o Porto artistico offereceu em 31 de Março no Theatro de S. João ao prestimoso violinista e maestro Bernardo Moreira de Sá, que, como era de justiça, foi alvo das mais tocantes demonstrações de apreço e das mais effusivas homenagens.

Já o temos dito e repetimol-o agora gostosamente. Moreira de Sá é um dos poucos portuguezes que no nosso paiz tem tomado a peito e por vezes com uma stoica abnegação, o desenvolvimento da arte dos sons, empregando, n'esse louvavel intuito, todo o seu talento, toda a sua actividade e toda a energia do seu optimo character.

O programma d'este bello sarau, que a absoluta carencia de espaço nos não permite transcrever, foi confiado aos primeiros amadores e artistas do Porto e abrilhantado bizarramente pelo nosso amigo, o sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, que cantou

o *Prologo dos Palhaços* com o costumado exito.

Podemos no emtanto afirmar que todos os numeros foram entusiasticamente acolhidos, especialmente aquelles em que tomava parte o eminente artista que se pretendia glorificar.

A *Arte Musical* aproveita esta conjunctura para enviar a Moreira de Sá o tributo da sua admiração.

\*

A 31 do mez passado foi nos dado o prazer de ouvir uma distincta professora, a sr.<sup>a</sup> D. Candida Cilia de Lemos, que organisou uma interessante soirée musical em sua casa, onde nos evidenciou uma notavel proficiencia sobre o piano e sobre o harmonium.

Como pianista pudemos apreciar a n'um transcendente *Estudo* de Döhler, para a mão esquerda e em dois trechos a 4 mãos, sendo uma redução do *Primeiro concerto* de Mendelssohn e a *Primeira rapsodia* de Liszt e tendo por collaboradora a sr.<sup>a</sup> D. Virginia Baptista, uma apaixonada cultora da musica e pianista de grande valor.

No harmonium, que supponmos ser a unica pessoa do seu sexo a leccionar em Lisboa, deu-nos uma bella audição da *Marcha religiosa* do *Lohengrin* e de varias peças d'ensemble.

A sr.<sup>a</sup> D. Virginia Baptista executou o *Allegro appassionato* de Saint-Saëns com muita intelligencia e um invejavel mecanismo

Completava o programma, de uma fórma altamente agradavel, uma romanza de Grieg, cantada sentidamente por uma das boas discipulas de Sarti, Madame Santos Loureiro, e uma melodia para violino, *L'Exilé*, que o sr. João Ayres de Campos, um novo com merecimento, disse com bastante expressão.

Agradecemos a distincção do convite e felicitamos a talentosa professora pela sua festa.

\*

Como tinhamos previsto, encheu-se litteralmente o Salão do nosso Conservatorio para festejar no dia 1 d'este mez, o primoroso pianista Rey Colaço e caso raro, ou talvez sem precedente nos nossos fastos musicaes, os pedidos de bilhetes foram em numero muito superior á lotação da sala e muitos dos admiradores do notavel artista ficaram inhibidos do prazer de o ouvir d'esta vez.

Por aqui se póde aquilatar o grau de sympathia que a todos merece Rey Colaço e a alta consideração que todos teem pelo seu formoso talento.

O programma era realmente tentador. Abria com o famoso *Concerto* de Bach para

3 pianos, executado brilhantemente pelos professores Colaço, Páhia e Garin. Como conselho que poderá aproveitar para uma outra audição d'este trecho magistral, diremos que a collocação do quartetto acompanhador não foi feliz, não se ouvindo senão os dois primeiros violinos, por ficarem todos os outros instrumentistas modestamente encobertos por detraz dos 3 pianos de concerto. Ainda que o quartetto viesse para o primeiro plano, nunca a sua sonoridade poderia supplantar a de tres pianos de cauda.

A *Sonata a Kreutzer* era tambem do programma e se é para nós um prazer registrar mais uma vez a maneira admiravel como Colaço toca esta sonata, em todos os seus detalhes, não é menos agradavel afirmar que o maestro Andrés Goñi, apesar de visivelmente commovido, teve n'esse difficil trecho a plena consagração do seu bello talento de virtuose distinctissimo. A finação impeccavel, excepcional pureza de som e uma grande correcção no mecanismo, são qualidades que já ninguem lhe póde contestar e a querer fazer algum reparo, n'um exagero de sinceridade, diremos que julgamos demasiado vivo o movimento em que foi tomada a segunda variação em que o notavel violinista se deixou talvez *emballer* demasiadamente, prejudicando-lhe o effeito e mesmo a precisão.

No tocante á sonoridade relativa dos dois instrumentos concertantes, seja-nos tambem licito dizer que a não julgamos perfeitamente equilibrada — o que será muito facil remediar em futuras audições.

Nos Solos de piano com que Rey Colaço brindou os seus convidados, fez o illustre artista o encanto de toda a gente. Desde os trechos de mais transcendente virtuosidade como a *Toccata* de Sgambati até aos de maior mimo como a formosa *Malagueña* de sua propria composição, foi sempre o genial artista que nós todos conhecemos e manteve constantemente o seu auditorio *sous le charme*. Teve uma bem merecida ovação.

Deu uma nota interessante de variedade ao programma a sr.<sup>a</sup> D. Laura Wake Marques, cantando alguns trechos muito applaudidos.

Foi em summa uma das solemnidades musicaes mais importantes a que temos assistido este anno.

\*

Uma outra festa artistica que teve tambem fóros de verdadeira solemnidade foi a que n'essa mesma noite de 1 de abril, se realizou no palacete do sr. Antonio Ferreira Marques e a que não pudemos assistir, apesar da gentileza do convite.

Consta-nos que foi uma brillantissima se-

*rata*, como todas as que se dão n'aquellas hospitaleiras salas, mas realçada ainda pelo concurso de alguns artistas de S. Carlos, do maestro Goñi e de alguns dos nossos primeiros amadores.

Não podendo dar o programma na integra, apontamos os seguintes trechos: *Andante* de um *Quatuor* de Bazzini, pelos srs. Sauvinet Nastucci, primeiro violino da orchestra de S. Carlos, Andrés Goñi e Antonio Duarte da C. Pinto, o duetto dos *Huguenotes* pela sr.<sup>a</sup> D. Sarah Vieira Marques e baixo Perelló trecho este que, ao que nos consta, attingiu uma rara perfeição de desempenho, e foi estrondosamente victoriado, uma *Sonata* de Grieg pelo maestro Goñi e Madame Sarah Marques, a *Romança* do Hamlet pelo baritono de Luca, uma encantadora melodia de Oscar da Silva pelo violinista Nastucci, o duetto dos *Palhaços* por Madame Sarah Marques e o baritono De Luca e outros trechos em que os artistas de S. Carlos e a gentilissima dona da casa, outra artista de fina tempera, puzeram o melhor do seu talento e da sua inspiração.

Madame Weinstein abrilhantou esta memoravel festa com algumas poesias francezas.

\*

Agradecemos ao nosso bom amigo e distincto professor Thimoteo da Silveira o prazer que nos proporcionou com a audição das suas discipulas, para que obsequiosamente nos convidou, e que teve logar na noute de 8.

Com o nosso agradecimento, não podemos deixar de manifestar ao illustre leccionista a mais sincera admiração pelo trabalho tão ponderadamente preparado e pelos lisongeiros resultados obtidos. Entre as discipulas que apresentou, não ha uma só que, na medida das suas forças e do seu temperamento, nos não tenha mostrado um mecanismo sabiamente conduzido, uma articulação correctissima, uma delicadeza e propriedade de *toucher* bastante raras em alumnos e sobretudo um aprumo de dicção que em alguns dos trechos que ouvimos nos deixou litteralmente maravilhados.

Felicitamos tanto o professor como as discipulas.

\*

Como que por encanto ou milagre, apoz poucas semanas de trabalho que, ao que supponmos, terá sido espinhosissimo, surgiu o magnifico concerto com que a nova *Sociedade Artistica de Concertos de Canto*, deu começo aos seus trabalhos.

Suscitou a admiração de toda a gente a rapidez com que conseguiu montar-se, e bem, uma obra de tão largae nvergadura e

dependente de tantos elementos; a nós que conhecemos o terreno muito de perto causa-nos verdadeiro espanto o facto e só o podemos admitir, em presença da evidencia, ao lembrarmos nos que uma vontade de ferro tudo vence.

E essa vontade de ferro, a par d'um grande talento, tenacidade e abnegação teve-o a Senhora Condessa de Proença a Velha e as pessoas dedicadas que com ella collaboraram no grandioso empreendimento.

Poude assim ouvir-se em 8 d'este mez, a oratoria de Perosi, intitulada a *Resurreição de Lazaro*, escolhida para a inauguração da nascente e promettedora *Sociedade Artistica*. O local escolhido foi o bello salão do Conservatorio, demasiado pequeno para uma obra de tão largas proporções e pequeno principalmente para conter a multidão de curiosos e amadores que alli affluiram.

Não é nosso intento fazer a analyse da obra de Perosi, o que de resto teria o melhor cabimento no nosso jornal, se elle tivesse as proporções precisas para o estudo minucioso das obras que se vão executando entre nós.

Infelizmente não é assim e temos de limitar a pouco a nossa apreciação.

A *Resurreição de Lazaro* é um trabalho essencialmente symphonico em que o desenvolvimento da acção está quasi sempre confiado á orchestra. A voz apparece geralmente como que por incidente, a definir a situação musical, como que a aclarar a comprehensão do trabalho orchestral.

Assim a nosso vêr esta *Oratoria* é mais um drama symphonico, com vozes, do que propriamente um drama lyrico. Mas não é por esse facto que pôde desmerecer para nós a bella creação do abbade piemontez, pois já alguém antes de nós o disse. «A symphonia, planando em regiões inacessiveis ás outras Artes, desenrolando situações que a palavra não pôde traduzir, é a fórma perfeita, o apogeu da sciencia e da arte musical».

No *modus faciendi* não nos pareceu Lorenzo Perosi um reformador, como alguns avançam, mas buscou em fontes bem puras a orientação dos seus processos technicos.

Moldou em Bach um bom numero das suas inspirações e com certeza das melhores.

Haydn legitimo temol-o no trabalho orchestral que acompanha na 2.<sup>a</sup> parte a phrase do historico *Et statim prœ diit*. E em muitas das mais suggestivas paginas da notavel partitura vemos os processos de Händel e de outros classicos, a par do brilhante colorido wagneriano que Perosi adoptou como

base da sua poliphonia, em muitos dos melhores numeros da Oratoria.

Haverá n'esse admiravel trabalho de assimilação uma completa homogeneidade? A sabia fusão d'esses mananciaes tão ricos, não daria um licôr mais precioso, mais exquisito do que a superposição dos licôres varios?

E agora nos ocorre outra pergunta. E' bem austera aquella musica, bem grave, bem isenta de toda a sensualidade?

Essas perguntas que representam uma duvida no nosso espirito, duvida que uma primeira audição desculpa, não significa de modo algum que a partitura não contenha emocionantes bellezas que immediatamente nos subjugam.

O trabalho de genero fugato que acompanha a *Doença de Lazaro* é uma pagina profundamente sentida, que faria a gloria de qualquer compositor.

Primoroso tambem o desenvolvimento orchestral do prelude, suggestivos o mais possivel alguns dos coraes, altamente commovente, se bem que um pouco theatral, a phrase de Martha *Utique, Domine*, bem lançado todo o trabalho que conduz á phrase capital de Christo *Lazare, veni foras*.

Seria mesmo longo enumerar as bellas phrases que se encontram espalhadas, aqui e acolá, na partitura do illustre compositor italiano.

No tocante ao desempenho, além do professor Sarti, que ensaiou magistralmente côros e orchestra e que dirigiu com grande *entrain* e segurança toda a execução, mereceu honras especiaes a sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Almeida Araujo que no seu importante papel de Martha mostrou a envergadura de uma artista de raça, detalhando admiravelmente algumas das phrases que lhe competiam.

O sr. Pinto da Cunha (Christo) teve tambem momentos felicissimos, dando uma intelligente intenção a tudo o que disse.

A sr.<sup>a</sup> Condessa de Proença quiz encarregar-se de uma pequena phrase *Domine, si fuisses hic*, em que poz os primores do seu grande talento.

Com respeito ao tenor, sr. Macieira estava visivelmente incommodado, tendo de supprimir algumas das phrases do seu papel de *Historico*.

E não nos seja levado a mal dizer, que visto estarmos em terra portugueza, seria mais razoavel usar a pronuncia portugueza do latim, em vez da italiana que todos os executantes adoptaram propositadamente.

A audição musical foi precedida de uma exposição ou conferencia em que o talentoso homem de lettras, o sr. D. Thomaz de

Vilhena historiou, com largueza talvez demasiada, o objecto d'esta notavel audição.

Tanto o illustre conferente como os amadores e artistas que tomaram parte na execução da grandiosa obra de Perosi, foram entusiasticamente applaudidos.

Consta nos que o segundo concer o da 1.<sup>a</sup> serie terá por intuito a apresentação de uma outra oratoria tambem celebre e recente, *La Terre promise*, de Massenet. L.

No salão do theatro de D. Maria, perfeitamente apropriado ás audições intimas de musica de camara, realisou a sociedade de amadores dois concertos nos dias 6 e 9 do corrente mez.

Programmas instructivamente interessantes, consagrados aos dois grandes mestres classicos. Haydn e Mozart. Do venerando pae do quartetto apresentou-se o trio em si bemol, obra 53 n.<sup>o</sup> 2, o gracioso minuete conhecido pela designação de «Minuete do boi», a sonata n.<sup>o</sup> 7, para violino e piano, o trio n.<sup>o</sup> 18 para piano, violino e violoncello. De Mozart fez-se ouvir o quartetto para oboé e instrumentos de cordas; o trio, obra 14 n.<sup>o</sup> 2, cuja importante e difficil parte de viola teve um desempenho superior; a sonata n.<sup>o</sup> 15 para violino e piano e o quartetto em sol menor para piano e instrumentos de cordas.

Executantes n'estas duas audições: Arthur da Fonseca, oboé; Augusto Gerschey, violino; Antonio Lamas, viola; D. Luiz da Cunha Menezes, violoncello; Michel'angelo Lambertini, piano.

De todos os numeros que se apresentaram, escolhidos com fino criterio entre as obras primas d'aquelles grandes mestres e com equal amor estudados, o melhor é sem duvida o quartetto em sol menor, de Mozart, formoso trabalho, cujas formas melodicadas, derivadas do velho e bom estylo italiano nos trouxeram, por vezes e fugitivamente, á memoria a musica do nosso Marcos Portugal, originada na mesma fonte.

O «Minuete do boi» teve as honras de *bis* provocado tanto pela graciosidade da obra como pelo primor do desempenho.

Um dos numeros que despertou viva curiosidade foi o quartetto com o oboé, novidade completa pois não consta que tivesse sido executado alguma vez entre nós. Arthur da Fonseca, que é um amator tão perito no oboé como o será qualquer dos bons artistas, desempenhou-se do difficil e perigoso encargo com summa felicidade. Puro som, boa afinação e necessaria firmeza conseguiram que o ingrato instrumento brilhasse na competencia com os instrumentos de cordas.

Gerschey, Lamas e D. Luiz da Cunha foram n'estes dois concertos os correctos executantes cujas qualidades todos reconhecem.

De Michel'angelo é prohibido aqui fallar por muito que haja que dizer.

A estudiosa *Sociedade de Amadores de Musica de Camara* continua activamente os seus trabalhos e provavelmente as proximas sessões serão consagradas a Beethoven, Mendelssohn, etc.

E. V.

## NOTICIARIO

### Do Paiz

Ao offerecimento que lhe fizemos do nosso *Anuario Musical*, correspondeu o Conservatorio Real de Bruxellas com o amavel envio do seu interessante *Anuario*, que vae no seu 23.º anno de publicação e contém além de outras indicações uteis e curiosas, um substancioso artigo sobre a musica no seculo actual. E' firmado por Gevaert, illustre director d'aquelle estabelecimento d'ensino.

Agradecemos a gentileza da troca.

\*

Partiu para a Allemanha Madame Bertha Hussla, a viuva do desditoso maestro que todos pranteamos, e de que restam apenas uns tristes despojos n'uma singella catacumba da Rua n.º 1 do Cemiterio occidental, para onde ha dias os transferiu a piedade da inconsolavel senhora.

Bem sabemos que não resta só isso; ficam tambem as suas obras que muitas d'ellas hão de viver como monumento perduravel da sua grandiosa estatura artistica e ficará, assim o ousamos esperar, no espirito e no coração de muitos que o amavam, essa flôr sempre viva que se chama *saudade*.

\*

Os bellissimos responsorios de Joaquim Casimiro que se cantam na cathedral em quarta feira santa, tiveram este anno um excellente desempenho. Tomaram parte no côro alguns alumnos do seminario de S. Vicente, ensinados pelo segundo mestre da capella Augusto José de Carvalho, e as vozes frescas e infantis d'essas creanças produziram encantador effeito. Um d'elles cantou o difficil solo *Bonum erat ei*, e dois outros o duetto *Melius ille erat si natus non fuisset*, trechos que ha muitos annos eram supprimidos por não haver quem os cantasse convenientemente. Carlos Araujo, o primeiro mestre da capella, que foi discipulo de Casimiro e é um dos mais entusiastas admiradores da obra do inspirado mestre, dirigiu-a com a

sua habitual proficiencia e especial cuidado, conseguindo uma execução tão perfeita quanto possivel.

### Do Estrangeiro

Do RIO DE JANEIRO (*correspondente*):

No Club dos Diarios, em Petropolis, realisou-se no dia 21 do corrente, o 4.º Concerto, no qual tomou parte o insigne e muito applaudido artista sr. Arthur Napoleão.

Na primeira parte cantaram as sr.ªs D. Elvira Dubin e Virginia Brandão, a primeira a aria da opera *Sansão e Dalila* e a cavatina da opera *La Reine de Sabá*, e ambas o duetto da *Fosca*, opera do immortal maestro Carlos Gomes, sendo muito applaudidas.

Na segunda parte do concerto, cantou o sr. Mattos Fonseca dois romances para baritono, *Souvenance*, do sr. Itiberé da Cunha e *Aubade pour elle*, de Delmet, dando a estas peças uma execução que muito agradeu.

Arthur Napoleão, o artista querido dos que prezam a Arte n'este paiz, executou na primeira parte do concerto, uma *valse menuet*, de Saint-Saëns, e na segunda tres composições suas: um romance, uma gavotte e *Chant du Printemps*, cuja execução electricou o auditorio, que por diversas vezes o chamou ao Salão, para o cobrir de bem merecidas palmas.

O mesmo artista executou por fim *La Chasse*, de Bauer, a que deu primorosa execução.

A orchestra do Club tambem tomou parte no concerto, executando regularmente a *Petite Mignonne* de Carneau e *Babillage* de Raimann.

## NECROLOGIA

Falleceu na quinta feira 12 o professor de Rudimentos do Conservatorio, Manuel Martins Soromenho. Occupava aquella logar desde 1868.

## EXPEDIENTE

E' nosso representante no Rio de Janeiro, o nosso amigo e distincto amator de musica, o sr. J. M. d'Almeida Lopes, residente na Rua da Alfandega, 38, d'aquella cidade, com quem devem ser tratados no Brazil todos os assumptos que se referem á «*Arte Musical*».